

**De quimeras marteladas a beira-mar:
sobre um possível diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche**

André Mesquita Penna-Firme*

Resumo: O texto propõe o tensionamento de dois autores que, pondo-se em disputa, dialogam com o seu meio e seu tempo. Traçar o Lima Barreto leitor de Nietzsche, seus juízos sobre o filósofo alemão e os possíveis desdobramentos filosóficos do referencial nietzscheano numa leitura do romancista, nos permite reavaliar a fortuna crítica acerca do escritor carioca ao passo que trabalhamos a relação que a filosofia nietzscheana faz entre arte, verdade e moral de forma a deslocá-la de seu campo referencial de origem. Tal movimento, essencialmente filosófico, permite um deslocamento na leitura da obra do romancista e nos revela uma nova potência criadora de interpretações. Nesse sentido, a partir da leitura e das impressões imediatas que Lima Barreto faz do filósofo, nos vislumbra um roteiro de leitura de sua obra que revela caminhos e perspectivas outras, que permitem tensionar a bibliografia que até então se ocupou do tema.

Palavras-chave: Arte; Literatura; Verdade; Brasil; Nietzsche.

**On hammered chimeras by the seaside:
a possible dialogue between Lima Barreto and Nietzsche**

Abstract: The text suggests the tensioning of two authors that, being put in contention, dialogue with their environment and their time. To trace Lima Barreto as a reader of Nietzsche, his judgments about the philosopher, the possible philosophical deployments of a nietzschean reference in an interpretation of the novelist, allows us to reevaluate the - of the carioca writer as we mobilize the relations between Art, Truth and Moral in the nietzschean works, in a way that shifts its original field of references. Such essentially philosophical effort allows us a shift in the interpretation of the work of the brazilian novelist and can reveal a new creative potential of interpretations. In that sense, beginning from the reading and first impressions that Lima Barreto had on the philosopher, it appears to us a new itinerary in its analysis that reveals pathways and perspectives not yet forseen by the bibliography until now written about the subject.

Key-words: Art; Literature; Truth; Brazil; Nietzsche.

Introdução

Pensar a literatura de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881 - 1922) é antes de tudo pensar uma literatura em diálogo. Nesse sentido, ao confrontar a obra do romancista

* Mestrando em Filosofia pela PUC-Rio. Bolsista CNPq. Contato: apennafirme@gmail.com.

com um possível roteiro de leitura traçado a partir dos vestígios do contato que este teve com a obra de Friedrich Nietzsche, será possível reavaliar o modo como o autor carioca foi lido pela historiografia e pela crítica, a partir de como, em sua produção, pode-se apreender o processo estético por trás de suas escolhas literárias. Partindo de um mapeamento inicial das impressões explícitas que Lima Barreto faz do filósofo alemão, será possível compreender que, para além de sua rejeição inicial, pode-se especular através de tal confronto de que forma tais compreensões do fenômeno estético podem ser postas lado a lado. Nesse sentido, pretendo mapear as fontes e as formas através das quais Lima teria lido Nietzsche, e a partir delas, mostrar que as relações entre a crítica nietzscheana e estética barretiana são mais profundas, e se articulam de formas mais complexas, do que uma leitura superficial poderia supor.

O escritor, que publicou sua obra nas duas primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro - então Capital Federal da recém proclamada República brasileira - teve desde cedo a perspectiva clara de que sua arte literária ocupava papel central dentro das dinâmicas de poder que pôde testemunhar e que recheiam de referências os seus escritos. Sua perspectiva militante da arte buscava, segundo ele explicitamente defendia, mostrar as dinâmicas de exclusão com as quais a sociedade operava e a inserção do sujeito lançado neste campo de disputa social e, assim, desnudar a fragilidade com que se compunham as crenças que definiam seu tempo, a saber: a crença no progresso, na ciência e na raça. É nesse sentido que ele se lança em uma literatura enquanto veículo de difusão das grandes ideias do tempo¹, entendendo-se como analista do mundo no qual está inserido. Tal processo literário visava tornar “assimilável à memória” uma ideia - que segundo ele seria pouco impactante sobre a conduta humana apenas em sua abstração filosófica -, e permitir sua incorporação por parte do leitor², como bem o define em um de seus textos críticos mais emblemáticos, *O Destino da Literatura*.

Nesses termos, Lima Barreto insere sua produção artística em um imbricado campo de disputas não só políticas e sociais, mas também intelectuais. É bem conhecido pela historiografia o intenso diálogo que ele trava com as discussões teóricas de seu tempo, a proximidade que tinha das publicações francesas da virada do século e das discussões que estas suscitavam no Brasil. A conhecida erudição de Lima Barreto era

¹ Cf.: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

² BARRETO, Lima. *O Destino da Literatura*. In: *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classisc Cia. das Letras, 2017. p. 274-275

visível não somente a partir de seus textos e anotações, como também de sua biblioteca, a qual apelidou carinhosamente de *Limana*³. Motivo de muitos comentários, o autor chegou a referenciar suas próprias coleções em alguns de seus livros, como por exemplo na descrição da biblioteca de Policarpo Quaresma, um de seus mais famosos personagens.

Para que se efetivasse tal veículo de difusão das ideias de seu tempo, a obra de Lima Barreto deveria ter como pano de fundo um entendimento profundo sobre as questões que grassavam as inteligências nacionais e de além-mar. Seu conhecimento sobre a produção internacional, nesse sentido, se alicerçava na leitura de volumes importados e principalmente das revistas europeias, em especial as francesas *Le Figaro* e a *Revue des deux mondes*. Tendo sempre em vista a crítica ácida e perspicaz às incongruências de seu tempo, ele irá traçar conexões com escritores como Anatole France, Dostoiévski, além de pensadores como Schopenhauer, Pascal, entre outros. Um desses diálogos é sugerido pela professora Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, em artigo de 2004⁴, e se refere à leitura que o autor de *Isaías Caminha* faz de Nietzsche. Esse diálogo, ainda pouco elucidado, nos pode indicar não apenas uma das muitas influências de Lima Barreto e, conseqüentemente, de nossa cultura literária. Ele pode, para além disso, proporcionar uma forma nova de se compreender a produção nacional, que se faz nos limites, nas fronteiras de alcance da tradição filosófica européia, em um momento de remodelação das tradições e de abertura - e crítica - ao novo.

Na abertura do século XX, Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) já era um autor conhecido, apropriado por inúmeras correntes críticas da tradição filosófica. Russell comenta que, esforçando-se para se afastar da filosofia acadêmica, o autor de *Assim Falava Zaratustra* teve “grande influência não entre filósofos técnicos, mas entre pessoas de cultura artística e literária”⁵. Na virada do século, o nome do autor alemão era bem conhecido no cenário intelectual brasileiro. Suas referências podem ser traçadas a partir de duas principais portas de entrada: em primeiro lugar, os “germanistas” que formavam a chamada escola do Recife, tendo como expoente o sergipano Tobias Barreto, foram os primeiros a traduzir sistematicamente obras de língua alemã no Brasil.⁶ De outro lado,

³ Schwarcz, Lília Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁴ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche*. Alea, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 159-173, June 2004.

⁵ RUSSELL, Bertrand. *A History of Western Philosophy*. Nova York: Touchstone, 1972. P. 766

⁶ DIAS, Geraldo. A filosofia de Nietzsche no movimento germanista do Recife e do Rio de Janeiro no final do séc. XIX e início do XX. *Ágora Filosófica*. Ano 17, n. 1, jul. a dez. de 2017. pp. 13-30.

nos círculos cariocas, as referências a Nietzsche chegavam em especial através da recepção de seus escritos nas revistas e nos círculos franceses, através de nomes como o de Jules de Gaultier, entre outros.

Seguindo tal roteiro de leitura, a partir de um mapeamento do quadro conceitual que Lima Barreto tem como referência - dentro das dinâmicas do embate que a sua obra trava -, nos será permitido adentrar a sua literatura, que aproxima de maneira drástica para a época o traço do cronista à imaginação do ficcionista, de modo a compreender o processo estético não somente como um processo de desvelamento de ilusões por meio da experiência social, mas também como a própria explicitação de um mundo que é feito de fachadas, e que só a experiência artística pode desnudar. Ao final do trabalho, pretende-se compreender como, por detrás das frustrações de Clara dos Anjos, dos conformismos de Gonzaga de Sá e de Numa ou da morte trágica de Policarpo Quaresma e de Fernando - personagem principal do conto *Como o 'homem' chegou* -, subjaz uma concepção estética que tensiona a realidade entre a ilusão e o desencanto. O “realismo social”, marca frequentemente identificada à obra de Lima pela crítica - de Alfredo Bosi a Nicolau Sevcenko⁷ -, associado aos fortes traços da caricatura, tensiona uma concepção da realidade que só pode ser compreendida através da leitura atenta de sua obra.

Na ficção barretiana, a política e a moral vacilante das classes dirigentes da capital carioca se confundem e se entrelaçam com o que era entendido como verdades científicas, em um momento em que o positivismo, enquanto crença no humanismo científico e no progresso, davam o tom dos projetos nacionais de modernização. Tal relação, tão intrínseca quanto velada, só se torna visível através do processo que a experiência propicia através do realismo da obra de Lima Barreto, invertendo-se o olhar de forma a mostrar a desfiguração de tais ilusões. O conhecimento científico se apresenta então como uma pintura em *trompe l'oeil*⁸, que se mostra a partir do jogo de luzes produzido pela experiência mediada pela arte, revelando no fundo o quanto estava entrelaçado com o jogo do poder o que se afirmava como conhecimento desinteressado. Não à toa, a temática da desilusão é corrente na sua literatura, em especial nos textos de fôlego mais longo,

⁷ Cf.: BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982. & SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit.

⁸ Literalmente “engana os olhos”. Tipo de pintura em voga no período, que criava uma ilusão de ótica que sugeria uma profundidade ilusória, ou a textura de um material diferente daquele no qual se pintava. Cf. NEVES, Margarida de Souza. “Uma capital em *trompe l'oeil*. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha.” IN MAGALGI, Ana Maria et alii. *Educação no Brasil: História, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 253-286.

como em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Recordações do escrivão Isaiás Caminha* e *Clara dos Anjos*. Em outros dois romances, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Numa e a Ninfa*, bem como em inúmeros contos, como *O homem que falava javanês*, a resignação à inexorabilidade do jogo posto por essa política, esse labirinto político das formas de saber, é tematizado como uma tentativa de supressão da angústia derivada da experiência da mesma.

Os personagens de Lima nunca estão completamente integrados nestas dinâmicas. No romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o narrador, Augusto Machado, narra a história de seu amigo Gonzaga de Sá com o intuito de revelar ao mundo a personalidade livre e brilhante por trás do velho escrivão da “Secretaria dos Cultos”. Ao falar de seu primeiro encontro, no capítulo sete, ele descreve como as solenidades burocráticas no comportamento de Gonzaga escondiam “a palpitação moça de uma inteligência livre, que se adaptara superiormente ao feitio espiritual de sua terra e à própria fraqueza de gênio prático”⁹. A inteligência livre e perambulante do personagem não permite que ele se integre inteiramente à dinâmica de aparências e políticas que a sociedade o exige, mas também não lhe é permitido o vôo livre do espírito, sob o risco de ser taxado de louco, da forma como o personagem do conto “Como o ‘homem’ chegou” acaba seus dias.

A partir de nosso roteiro, poderemos compreender uma forma possível de como arte e realidade se relacionam através da obra de Lima Barreto, tendo como pedra de toque seu contato com a filosofia nietzscheana.

Nesse sentido, o texto abre caminho para um vasto campo de pesquisa que se vislumbra no embate entre os dois autores: Primeiro, acerca do contexto no qual o autor de *Zaratustra* chega aos leitores cariocas, como se insere nas discussões da época e qual lugar ele ocupa no quadro geral de referências de Lima Barreto, compreendida enquanto literatura em diálogo. Segundo, tendo em vista as noções de realismo que surgem na tradição crítica que interpretou a literatura de Lima ao longo dos anos, será possível aprofundar as relações entre realismo e realidade a partir da discussão estética que a leitura de Nietzsche pode nos proporcionar. Em terceiro lugar, tendo em vista os modos como arte e realidade se relacionam através de noções como “ilusão” e “fachada”, será possível compreender a crítica que a obra de Lima faz à ciência e à política e, em última

⁹ BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. In: *Obra Reunida*, Volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 643.

instância, ao estatuto social da verdade, pondo-o frente a frente com a crítica nietzscheana à verdade e seu estatuto moral, explicitado em textos como *Genealogia da moral* e *Além do bem e do mal*. Por último tendo em vista tais aproximações, o texto deverá voltar-se para o que pode ser chamado de “nostalgia metafísica” por parte do autor carioca, a partir de uma ideia de que a literatura tem como ponto fundamental a comunhão de toda a humanidade. Neste capítulo, a diferença radical entre os dois autores deverá ser retomada não mais nos termos da rejeição simplificadora que Lima faz de Nietzsche, mas a partir da própria concepção estética explicitada nos capítulos anteriores. O texto que aqui se desenvolve é um desbravamento, uma primeira excursão de andarilho em caminhos ainda não percorridos, e por isso não pretende esgotar os temas expostos acima, mas, a princípio, mapear uma temática de maneira propedêutica, firmando-lhe suas condições de possibilidade.

De quimeras marteladas

O texto a ser elaborado deverá percorrer um roteiro de leitura que se abre de dentro da obra do escritor carioca. Nesse sentido, traçar as relações entre esta e a obra filosófica nietzschiana se faz entre dois pólos, entre aproximação e diferença. Sendo citado direta ou indiretamente diversas vezes, Nietzsche aparece por toda a obra de Lima Barreto em contextos radicalmente diversos. Uma referência satírica dentro de um romance, uma sugestão de reflexão em um conto emblemático, a demonstração do domínio sobre a obra do filósofo e a rejeição direta e ríspida de suas ideias: tão díspares são as referências quanto múltipla é sua produção. Em todas elas, contudo, subsiste um certo desconforto, uma desconfiança ou, nas suas próprias palavras, “ojeriza pessoal”.

Tal rejeição inicial por parte do escritor não deve ser pensada de modo simplista, unicamente por percorrer seus textos de opinião e crítica a procurar o que Lima Barreto fala diretamente sobre Nietzsche. Pelo contrário, ao traçarmos um percurso de análise que percorra toda a produção ficcional do romancista, estando atentos às formas como, sutil ou explicitamente, ele insere sua literatura no cerne da experiência sensível da cidade moderna, poderemos não apenas passar de uma diferença simples a uma diferença complexa, mas propor, através deste caminho, uma nova possibilidade de interpretação da obra barretiana que não apenas chama atenção para seu desejo de representar as desigualdades sociais, mas que dê ênfase em como ela relaciona realismo e realidade, arte

e vida. Em suma, seguindo os passos de Nietzsche, que ao transpor a arte para o centro da experiência humana - em oposição à ideia da arte como suspensão ou como fim dos conflitos e reunificação com o cosmos - dá a ela o caráter mesmo de fundamento imanente da experiência sensível, pretendemos compreender o deslocamento de foco da literatura barretiana não apenas como um novo foco de representação e suas técnicas necessárias, mas o processo mesmo que liga o processo artístico à vivência quotidiana.

É nesse sentido que deve-se percorrer a obra barretiana utilizando como prisma não somente as intenções do autor de explicitar experiências outras, desviantes do círculo letrado da capital federal, mas as formas como, implicitamente, isso sugere uma relação específica entre o fazer artístico e a realidade sensível. Como Lima Barreto entende sua literatura não separado das outras formas de experiência, como uma contemplação pura do Belo, mas como um aspecto da vida como um todo, produtor de significados e de sensações, um sentido dentro de sentidos. Inversamente, também, será possível compreender, através da sua literatura, como a realidade sensível do dia-a-dia se mostra artisticamente constituída, processo que só pode ser representado em uma análise que parta de dentro da obra em direção ao seu entorno.

Ora, tais aproximações não permitem, ao fim e ao cabo, aproximar os dois autores em termos de uma influência que um tenha tido sobre o outro, muito menos poder-se-ia fazê-los concordar filosoficamente sobre as bases de uma nova moral ou de um fazer filosófico. Contudo, é no cerne do que Nietzsche entende como a relação entre arte e vida - crítica e cisão radical com a tradição que, à luz dos românticos e de Schopenhauer, entendia a arte enquanto fim dos conflitos e calma unificadora - que se pode operar esse desvio de rota necessário para que tal roteiro de leitura se torne possível. Em última instância, o diálogo entre Nietzsche e Lima Barreto se dá nas bases de uma estética à serviço e como fundamento da vida enquanto experiência sensível do mundo, e é somente a partir desse diálogo que tal vôo especulativo pode ser levado a cabo.

Como foi dito, portanto, a dissertação deverá traçar um argumento duplo. Partindo da análise das referências explícitas que Lima faz do filósofo alemão, deverá se traçar um contexto no qual esse surge enquanto referência possível. Ou seja, Nietzsche, enquanto referência relevante o suficiente para ser citado explicitamente nos trabalhos de comentário e crítica do romancista, deve ser entendido dentro do contexto de referências

intelectuais do cenário brasileiro como um todo. Raramente é feita referência direta ao filósofo enquanto interesse próprio

Ao propor tais leituras, surgem alguns problemas preliminares. Antes de tudo, seria necessário compreender a forma como Lima Barreto, que produz a parte principal de sua obra nas duas primeiras décadas do século XX, se relaciona diretamente com a filosofia nietzscheana. Lima em algumas ocasiões escreveu sobre Nietzsche, normalmente como o intuito de criticar o seu mau uso nos textos de colegas e adversários literários. Poucas vezes ele foi tematizado em si mesmo. Enquanto nas crônicas ele aparece sempre como comentário a um terceiro texto, é nas obras de ficção que ele é sutilmente referenciado. Sua filosofia, em última instância, sempre surge em contato com a disputa constante que Lima trava com os seus contemporâneos, aos maus usos da filosofia nietzscheana para justificar propostas de renovação estética e de crítica moral. A relação entre os dois autores tomou vida não em um estudo isolado de um sobre o outro, muito pelo contrário. Nietzsche foi tema para Lima Barreto enquanto campo de disputa em relação à sua geração como um todo.

Nesse sentido, são duas as questões principais. Em primeiro lugar, de que fala o escritor quando fala de Nietzsche? Sobre o que Lima Barreto fala quando cita seu nome, que textos seus estavam em circulação, através de que língua se lia? Traçar o quadro no qual as críticas que Lima Barreto faz a Nietzsche se inserem permitirá traçar o que, num primeiro momento, pretende-se chamar de diferença simples: as formas como explicitamente o escritor emite sua opinião acerca do filósofo, contra quem ele fala quando fala das obras nietzschianas e o contexto geral desse embate.

A partir disso, tendo traçado no capítulo inicial tal campo de disputas e seguindo indicações já rascunhadas por trabalhos anteriores¹⁰, o objetivo dos dois capítulos seguintes será desenvolver a ideia aqui proposta. No segundo capítulo, a partir de uma análise preliminar do histórico de interpretações sobre a literatura barretiana, pretende-se traçar como a relação estética entre arte e realidade foi pouco explorada em sua dimensão filosófica. Buscando estabelecer a relação entre as dimensões do *realismo* e da *caricatura* de um lado - dois aspectos identificados por quase toda a historiografia como centrais para sua literatura -, com o que autor entende como sendo a realidade, de outro, é possível identificar certas temáticas recorrentes na obra barretiana e em como essa estabelece uma

¹⁰ Cf. FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Op. cit.

posição de embate com a imagem que, segundo ele, a *cidade oficial* - entendida enquanto as classes letradas dirigentes do centro - cria de si mesma. Será possível perceber a obra barretiana como uma literatura sempre em diálogo, sempre em resposta a um dado entendimento de mundo, e, em última instância, a uma dada *composição estética da realidade*, socialmente estabelecida como verdadeira pelo processo de exclusão social por ele denunciado.

É nesse ponto da relação entre arte e verdade que a interpretação nietzschiana se oferece como meio de reflexão necessário a partir do qual pode-se fazer essa inflexão. É nesse ponto também que poderão ser entendidas imagens centrais na produção de Lima Barreto, como a ideia de uma República de *fachadas*, ou ainda quando, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* o protagonista entende seus projetos e interpretações da nacionalidade como não sendo nada além de *quimeras*, ou seja, imagens vazias, montagens grotescas que não tinham mais validade do que os estrangeirismos que criticava em seus compatriotas.

Imagens como as fachadas e quimeras barretianas são centrais para compreensão da realidade que pode ser encontrada subterraneamente na obra do escritor e cronista. São a partir dessas imagens que podemos estabelecer, à luz desta reflexão estética, o modo como a literatura se insere na realidade e como esta se mostra inerentemente estetizada.

No terceiro capítulo, tendo estabelecido os modos como o realismo social de Lima Barreto e realidade por ele referenciada se relacionam a partir da literatura, deverá traçar-se o caminho inverso para que se possa entender, a partir da filosofia nietzschiana, a arte enquanto modo alternativo de conhecimento, em oposição à verdade metafísica que o filósofo associa à ciência e à moral. É apenas inserindo a arte dentro da crítica à relação entre Verdade e Bem, ponto de partida filosófico do empreendimento de Nietzsche, que podemos entender como a arte é entendida como modo criador da existência e fundamento dionisíaco do devir da verdade. Assim, será possível, ao voltarmos os olhos para o cronista das ruas do Rio de Janeiro, qualificar de modo mais contundente os repetidos ataques ao otimismo positivista e a associação constante entre a suposta verdade científica estabelecida e a política e a moral como dimensões do poder e, novamente, das aparências. Esse imbricamento é manifesto de diversos modos em sua obra. Caso emblemático é o do doutor Gedeão. No conto *A doença do Antunes*, o médico é apresentado como milagroso, sendo reconhecido pela cidade inteira como grande orgulho

para a ciência nacional. A chamada de um jornal, logo no início do conto, contudo, dá o tom da ironia da obra “O doutor Gedeão, esse maravilhoso clínico e excelente *goal-keeper*, acaba de receber um honroso convite do Libertad Futebol Club, de São José da Costa Rica, para tomar parte na sua partida anual contra o Airoca Futebol Club, da Guatemala. Todo mundo sabe a importância que tem esse desafio internacional e o convite ao nosso patricio representa uma alta homenagem à ciência brasileira e ao futebol nacional (...)”¹¹. A relação entre o ideal do progresso científico e as futilidades das colunas de fofoca da imprensa carioca da época são escancaradas logo na abertura do texto. Em *Como o ‘homem’ chegou*, ainda mais significativo, dois personagens se destacam nas relações incestuosas entre a ciência e a política. Em primeiro lugar, o dr. Barrado, sempre encostado nos magnatas e rondando as instâncias de poder. Na sua implicância com Fernando - o protagonista que é dado como louco por ter decidido pela reclusão de seu escritório no qual estudava astronomia - decidiu estudar uma astronomia bem oposta, “a Astronomia do centro da Terra”¹², e apresentava seus compêndios e suas referências. Além disso, com sua preocupação de ser êmulo do Padre Vieira, aproveitara o tempo na viagem para firmar regras ortográficas. Passou a ajudar o delegado por interesse de se aproximar do chefe político local, influente na Sociedade Astronômica. Em segundo, “o antropologista Tucolas”, especialista na mensuração do crânio de formigas. Tais relações entre ciência, política, poder e moral atravessam toda a obra do romancista carioca na forma de caricaturas e de denúncia.

Tendo perpassado toda a obra de Nietzsche, a crítica à metafísica e à verdade se apresentam em estreita relação com a arte - enquanto forma alternativa de conhecimento. Ao pensar a arte nesses termos, Nietzsche fundamenta sua interpretação do fenômeno estético como princípio mesmo da existência. A cisão metafísica se devia à divisão da experiência em duas e à posterior escolha de uma sobre a outra. A partir dessa ação que cinde a vida em mundo inteligível e mundo sensível, afirmando um como superior ao outro, como preferível ao outro, Sócrates/Platão aproxima as noções de “Bem” e “Verdade”. Essa fundamentação artística da vida e a sua posterior negação pela metafísica prosseguirão direcionando o pensamento de Nietzsche mesmo depois de abandonar as

¹¹ BARRETO, Lima. *Histórias e Sonhos*. In: *Obra Reunida*, Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 196.

¹² *Ibidem*, p. 351.

tentativas de “substituição” da metafísica por uma “metafísica de artista” no *Nascimento da Tragédia*, seu primeiro livro.

Essa cisão moral do mundo que fundamenta o saber filosófico-científico seguiria, segundo ele, a história do pensamento até os seus dias, tendo passado por inúmeras metamorfoses. Apesar de bem diferentes, platonismo, cristianismo e cientificismo trazem no seu cerne o mesmo problema, a relação entre “Verdade” e “Bem” que nega os princípios fundamentais da vida. Nas posteriores fases de seu pensamento, em especial a partir de *Assim falou Zaratustra*, em obras como *Além do bem e do mal* e *Genealogia da moral*, a relação entre ciência e moral fica cada vez mais clara¹³.

Tais noções, ainda que possam não ser explicitamente citadas, não seriam de todo estranhas para o romancista carioca. Além das referências a *Assim falou Zaratustra* e *O Nascimento da Tragédia*, Lima Barreto tinha contato com importantes comentadores de Nietzsche na época como Jules de Gaultier, Alfred Fouillée, Théodore de Wyzewa, entre outros.

Ora, a relação intrínseca entre arte, verdade e moral em Nietzsche, sendo a relação de oposição entre as duas primeiras e de fundamentação entre a segunda e a última, nos leva de volta para a construção da tragicidade¹⁴ do realismo caricatural barretiano como método de dissolução de imagens - expectativas, significações e estruturas - através do caminho experienciado por aquele que o percorre. Em Lima Barreto, os processos caricaturais permitem entrever um labirinto de signos e formas que se relacionam entre si, um jogo de ilusões em que nada se refere ao que pretende se referir. Se Nietzsche propõe uma solução filosófica ao problema que encontra, a partir de uma interpretação do que seria a experiência artística do mundo, parece que na obra de Lima Barreto o processo de dissolução dessas quimeras só faz trazer à luz outras quimeras, talvez mais deformadas e estranhas, num jogo de ilusão que constitui o caráter ficcional da existência. Como se, afundados em um labirinto de formas oníricas esvaziadas, a única forma de achar a saída fosse a construção de outros labirintos por sobre os primeiros, tanto mais

¹³ MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

¹⁴ Tragicidade entendida aqui em seu sentido mais corriqueiro, como dissolução da personagem através de certa experiência, não fazendo alusão ao entendimento que Nietzsche faz da tragédia. É o que daria o caráter “triste” da obra de Lima Barreto que Lília Schwarcz identifica, explícito no título de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

reais quanto mais ficcionais, e quando suspirássemos de alívio ao sair da primeira prisão, ficássemos tranquilos de ter construído um labirinto só nosso¹⁵.

A partir do lugar que a arte ocupa enquanto criadora de sentido e a relação que essa tem com a ciência, a moral e, em Lima Barreto, com a política, pode-se retornar à literatura barretiana não somente enquanto uma tentativa de exposição e tematização de classes subalternas, mas enquanto possibilidade mesmo de um conhecimento alternativo àqueles engendrado pelas elites no seio do positivismo.

Essa possibilidade de aproximação entre os dois autores no que concerne ao lugar da arte enquanto campo de saber não deve, contudo, levar a conclusões precipitadas acerca do desdobramento de suas posições. O que cada um entende como sendo o dever e o resultado da sua obra se mostra radicalmente diferente, se devidamente analisadas as perspectivas de cada um. Por isso, no quarto e último capítulo da dissertação, deverá ser retomado o conflito inicial entre os dois autores, dessa vez não se contentando na superfície das referências diretas, mas a que leva o desdobramento do dever artístico em cada um dos autores.

O contato de Lima Barreto com Nietzsche se dá, além do contexto de publicações cariocas e diretamente com a obra do autor, através de referências que, mais ou menos diretamente, se relacionam com o filósofo. Nomes como o de Jean-Marie Guyau nos permitem estabelecer uma outra proximidade de Lima como o pensamento nietzscheano, através de suas referências francesas. A perspectiva social da obra barretiana, baseada em referências como o próprio Guyau, de um lado, e do romance russo, em especial Dostoiévski, do outro, permitem entender a crítica feita a Nietzsche a partir de uma perspectiva moral profundamente incompatível.

Tais críticas incidem principalmente sobre os ataques de Nietzsche à solidariedade e a uma perspectiva coletivista de relação com o mundo. Para ele, tais direcionamentos

¹⁵ Tal imagem deve sua inspiração em parte à análise do caráter cômico da obra de Franz Kafka que faz David Foster Wallace. Nesse texto, para explicar o que ele entende pela comicidade do autor de Praga, Wallace descreve uma imagem para melhor compreensão: “Pode pedir para imaginarem que todos os seus contos tratam de uma espécie de porta. Para se visualizarem chegando perto dessa porta e batendo nela com cada vez mais força, batendo e batendo, não apenas querendo entrar, mas precisando disso; não sabemos o que é, mas conseguimos sentir esse desespero total por entrar, batendo, esmurrando e chutando. Que enfim a porta se abre... E ela abre *para fora* - estávamos o tempo todo dentro daquilo que queríamos. Das ist komisch.” Em: WALLACE, David Foster. Alguns comentários sobre a graça de Kafka dos quais provavelmente não se omitiu o bastante. In: *Ficando longe do fato de já estar meio longe de tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 193. (Versão E-book).

morais estão fundados no cristianismo e na sua negação do que constitui a vida por si mesma. A solidariedade e o ataque ao egoísmo seriam formas de enfraquecer o que há de mais fundamental na existência humana: a *vontade de potência*. Uma moral que negue a vontade de potência e anule suas pulsões em prol de uma suposta redenção futura era para ele o mais absurdo da negação niilista da vida. Ao contrário, ele propõe um direcionamento da vida em consonância com os seus impulsos fundamentais, opondo ao que ele chama de moral do escravo - a anulação do eu e da potência - à moral do senhor.

Ora na obra de Lima Barreto isso entra diretamente em choque com os ideias anarquistas com as quais sempre se relacionou de maneira próxima. Mesmo nunca tendo aderido ao anarquismo enquanto atividade política, é notável a sua relação com o pensamento anarquista de sua época. Na sua biografia escrita por Lilia Schwarcz, essa relação é tratada com clareza: dentre as obras sobre o tema presentes em sua biblioteca e muitas vezes citadas em suas crônicas “constava a versão francesa do livro ‘Ajuda mútua’, de 1902, do anarquista e geógrafo russo Piotr Kropotkin”¹⁶. Neste livro, o autor russo mostra, numa análise que vai do mundo animal até as sociedades humanas, como a colaboração é decisiva para a superação das adversidades e para a melhora das condições de vida. Defendendo a ajuda mútua como fator de progresso, o livro se opunha às ideias então alastradas do darwinismo social, constantemente aproximadas às obras de Nietzsche por parte dos seus primeiros intérpretes. Schwarcz identifica essa perspectiva anarquista ao longo das obras de Lima a partir da própria construção dos enredos: “O autor de Policarpo, que era leitor de Kropotkin e de Tolstói, devia se pautar no conceito de ‘apoio mútuo’, e seus escritos só poderiam significar fábulas de solidariedade, formas de manifestação das críticas naturalistas ao capitalismo”¹⁷.

O atrito que tais perspectivas coletivistas criam com o que Lima Barreto possivelmente compreendia como sendo a *vontade de potência* nietzscheana fica explícito. Deixando claro as possíveis incompreensões de termos como *vontade de potência*, é importante entender como a identificação da relação entre arte e vida dentro da obra nietzschiana é voltada para a destruição dos valores instaurados pela tradição platônico-cristã e pela busca de novos valores que estejam em consonância com o que ele

¹⁶ SCHWACZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 348.

¹⁷ *Ibidem*, p. 352.

entende como o fundamento da existência. Para o romancista carioca, contudo, o individualismo nietzscheano era exatamente o que havia de mais pernicioso na modernidade excludente que ele assistia violentamente avançar sobre valores cada vez mais considerados ultrapassados. A ideia do individualismo nietzscheano, como entendido por Lima, não seria uma consonância com a vida, mas apenas a negação mesmo da natureza humana gregária e conciliadora, flagelo que assolava os homens com guerras e opressões.

Na obra de Lima, contudo, subsiste sempre uma certa *nostalgia metafísica*, um certo resíduo triste de um sentido unificador do mundo que teria sido perdido apenas pela modernidade, mas que ainda subsistiria esperando para ser retomado. Fica claro que, ao contrário de Nietzsche, que vê nos valores cristãos o trajeto de uma longa fábula que chegava ao fim na modernidade, a relação entre verdade e moral aparece em Lima Barreto como um aspecto decadente da própria modernidade que teria perdido o sentido unificador do mundo, um Deus que, tendo sido morto, esperava ressurreição.

Nesta última parte do trabalho, será possível perceber que a aparente incompatibilidade entre os dois autores não se dá somente por uma rejeição simplista de um pelo outro, ou de discussões travadas em jornal e acusações de alguma consequência que tal filosofia tem no mundo. Antes de tudo, estabelecendo as condições de diálogo, é permitido aos autores discordarem e se digladiarem de forma a compor o próprio sentido da arte inserido na compreensão da existência.

Considerações finais

É a partir desse jogo que expõe o caráter estético, ficcional, da realidade que se explicita o modo imbricado como ciência, moral e política se relacionam. A obra de Lima não chega a constituir necessariamente uma crítica da verdade em si, como demoradamente o faz Nietzsche. Mas através de sua literatura, pôde identificar os modos com a ciência nega o seu aspecto profundamente ficcional, da mesma forma que na cisão metafísica, tal como pensada pelo filósofo alemão, a ideia de verdade nega o seu fundamento artístico e se instaura enquanto única realidade possível, em detrimento a um mundo que escapa a ela¹⁸. A partir das obras que Lima Barreto leu de Nietzsche, podemos

¹⁸ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

propor - compreendendo como essas obras se inserem no contexto geral da filosofia nietzscheana - uma interpretação que tangencie e tensione tais conceitos com a literatura do escritor carioca. Por exemplo, a referência a *Assim falou Zaratustra* no início do conto *Como o 'homem' chegou* - que afirma ser o homem uma corda estendida sobre o abismo¹⁹ - indica toda uma possibilidade de interpretação que tensiona uma possível leitura do filósofo com a crítica subjacente ao percurso artístico do autor. Pelos traços fortes da caricatura, ele traça o triste fim de um cientista taxado de louco cujo único crime foi se dedicar ao conhecimento, enquanto as ridículas figuras representantes da “ciência oficial” rastejam numa alternância entre aparências vazias e bajulações.

Sobre esse aspecto, as indicações de Carmen Lúcia Negreiros, em texto já citado, indicam as possibilidades de caminhos que permitiram o início da reflexão:

Dessa maneira, produzindo o riso, Lima Barreto mostra como o pensar se torna cruel quando oblitera os sentidos e afetos, enrijece a sensibilidade e ensurdece a alma. Se Zaratustra, com a dança, desestabiliza a aparente imobilidade das coisas, a rigidez do pensamento, a fixidez das palavras, para que as idéias ganhem leveza, o escritor apresenta distintas perspectivas acerca do perigo dos dogmas, das certezas, das crenças, especialmente aquelas que endeusam a razão. Evidencia (e pressente!) o perigo do cientificismo autoritário e violento que estudará crânios e genes em experiências macabras com seres humanos. E, pondo sob suspeita toda e qualquer certeza, reencontra, na tensão do diálogo, o pensamento de Nietzsche.²⁰

O triste fim do protagonista do conto espelha o *Triste fim de Policarpo Quaresma* e todos os outros tristes fins dos personagens barretianos, fórmula que poderia ser alastrada para quase toda a sua produção literária. Isso é o que se pode chamar, como por vezes foi chamado, de o aspecto trágico de alguns personagens da obra de Lima Barreto. Aqui se tem em mente unicamente este processo de dissolução engendrado pela percepção do caráter ilusório das imagens através da experiência cotidiana. Diferente do conceito de trágico na obra do autor de Zaratustra, que de modo muito mais aprofundado apresenta a perspectiva trágica da vida enquanto reconciliação dos impulsos fundamentais e da experiência com o saber.

Ao falar de tragicidade na obra de Lima Barreto, se tem muitas vezes em mente a noção mais corriqueira de como essa palavra foi apropriada pela tradição. Contudo, enquanto resultado da experiência estética que desnuda a realidade em seu caráter ilusório, essa tragicidade identificada nos personagens barretianos, do modo como se

¹⁹ Tal citação, na obra do filósofo, se encontra em: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falava Zaratustra*. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Textos Filosóficos). p. 22.

²⁰ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. p. 171.

desenrola em suas obras, pode ressoar em certos aspectos do que Nietzsche encontra na tragédia grega como fundamento da verdade. Tal conceito se apresenta para nós como possibilidade de tal diálogo, quando Policarpo, Isaías ou qualquer outro se confronta com o abismo sobre o qual está estendido.

Em última instância, o que está em jogo na análise dialógica aqui empreendida é a possibilidade de entender como a suspeita da verdade permite revelar o caráter ilusório do conhecimento científico-filosófico dentro das formas como ele é estabelecido. Seja a partir da crítica filosófica, que chega na arte como fundamento da experiência, seja através da arte que faz revelar o caráter estético do mundo, esse jogo de interpretações pode nos revelar a potencialidade mesma da arte enquanto forma de conhecimento e saber da experiência e, em especial, como essa crítica pôde ser colocada em jogo em lados opostos do Atlântico. Partindo do que poderia ser a presença de Nietzsche na obra de Lima Barreto, através da crítica ou do uso de algumas de suas categorias e conceitos, podemos desaguar, como um rio que por caminhos sinuosos se expande em seu delta, em como a crítica da tradição assume uma forma específica nos trópicos, e em como ela só poderia ter sido feita a partir da literatura. Colocar frente a frente textos de natureza distinta - aforismas ou ensaios filosóficos e uma literatura ficcional satírica - não deixa de ser uma tarefa complicada. Tendo objetivos e mecanismos diferentes, não se deve opor os dois de forma irrefletida. Contudo, o caráter estético, artístico mesmo, da obra de Nietzsche permite a aproximação com a obra de Lima Barreto, que entendia sua literatura como extensão mesma do processo filosófico.²¹ Escrevendo textos dessemelhantes, os autores também remetem a entendimentos distintos quando falam de tradição e ciência, não podendo ser diferente, devido à distância que produz uma experiência diferenciada no contexto colonial dos trópicos. Nesse contexto, a obra de Lima permite entrever os problemas que vislumbra nesse litoral que se espreita entre o mar e o sertão.

Isso não impede que ele perceba, da mesma forma que o filósofo alemão, a gramática como um dos problemas imbricados na crítica da verdade²², nem que olhe pra Grécia - enquanto ideal de forma artística e de racionalidade - com os olhos serenos e melancólicos do guerreiro que vislumbra manequins de deuses mortos²³. Como a filosofia

²¹ BARRETO, Lima. O Destino da Literatura. In: *Impressões de leitura e outros textos críticos*. São Paulo: Penguin Classisc Cia. das Letras, 2017.

²² “Receio que ainda não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática”. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

²³ BARRETO, Lima. *Amplius!*. In: *Obra Reunida*, Volume 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

da suspeita de Nietzsche - que empunhando martelos traça de forma combativa um modo de revelar a falta de sentido unificador do mundo e destruir os ídolos que a modernidade insiste em mostrar no mortuário - a obra de Lima Barreto propõe-se a desvelar, com os martelos cirúrgicos da experiência, um mundo que é constituído pelas contradições de um outro mundo que acontece por detrás das ilusões, e que só a experiência caricaturada pela sua ficção permite entrever, como por entre rachaduras nessas quimeras, abertas a marteladas. E com sua serenidade jovial, retornado da batalha, senta-se na areia em meio às deformadas quimeras de mármore, a olhar o mar como quem olha seus antepassados.

Referências bibliográficas

ANAXIMANDRO; PARMÊNIES; HERÁCLITO. Os Pensadores originários; Anaximandro, Pamênides, Heráclito. Petrópolis: Vozes, 2017.

BARRETO, Lima. *Obra Reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. (3 volumes)

BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Penguin classics Companhia das Letras, 2017.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

CASANOVA, Marco Antonio. *O instante extraordinário: vida, história e valor na obra de Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

CRUZ, Daniele Conceição Scarini Pinto da. *De “abismos” a “verdades”*: Nietzsche e a tarefa de trazer a arte à vida. 2016 (Dissertação - mestrado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2016.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: Legados e perspectivas - ensaios metafilosóficos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche*. Alea, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 159-173, June 2004.

GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio: Modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico na modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- MONTINARI, Mazzino. Ler Nietzsche: O Crepúsculo dos Ídolos. In: *Cadernos Nietzsche*, nº3, 1997, p. 77-91.
- NEVES, Margarida de Souza. “Uma capital em trompe l’oeil. O Rio de Janeiro, cidade-capital da República Velha.” IN MAGALGI, Ana Maria et alii. *Educação no Brasil: História, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, pp. 253-286
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Pensadores).
- RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis: Scenes from the aesthetic regime of art*. London: Verso, 2013.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- SCHWACZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- SILVA, Maurício Pedro. *A Hélade e o Subúrbio: confrontos literários na Belle Èpoque carioca*. São Paulo: Edusp, 2006.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematografo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

Recebido em 29/04/2020

Aprovado em 08/05/2020